

PLACAR

Nº 1079 JANEIRO DE 1993 Cr\$ 50 000,00



CAMPEÕES



SPORT-PE



PAYSANDU-PA



SÃO PAULO-SP

A MÁQUINA QUE GANHA TUDO



VITÓRIA-BA



GOIATUBA-GO



FLAMENGO-RJ

BRASIL CINCO VEZES MENGÃO



BRUSQUE-SC



LONDRINA-PR



CRUZEIRO-MG

O SUPERBRILHO DA SUPERCOPA



AUTO ESPORTE-PB



SORRISO-MT



VASCO-RJ

O MAIS NOVO INVICTO DO RIO



DESPORTIVA-ES



TAGUATINGA-DF



INTERNACIONAL-RS

O BI GAÚCHO E A COPA DO BRASIL



RIO BRANCO-AC



4 DE JULHO-PI



ATLÉTICO-MG

A PRIMEIRA CONMEBOL



AMÉRICA-RN



SUL AMÉRICA-AM



SERGIPE-SE



CRB-AL



JI-PARANÁ-RO



NOVA ANDRADINA-MS



SAMPAIO CORRÊA-MA

POSTERS GIGANTES DO SÃO PAULO, VASCO, CRUZEIRO E INTER DO ATLÉTICO E FLAMENGO POSTERS DE TODOS OS CAMPEÕES

 **Editora Abril**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Edvard Ghirelli Filho, Ricardo A. Setti,
Vanderlei Bueno

PLACAR

REDAÇÃO

Diretor Editorial: Juca Kfour

Diretor de Arte: Carlos Grassetti

Redator-Chefe: Sérgio F. Martins

Editor: Celso Unzelte

Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres

Repórteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)

Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)

Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)

Assistentes de Produção: Sebastião Silva, Wander Roberto de Oliveira e Sidnei Augusto da Silva (colaborador)

APOIO EDITORIAL

Abril Press -Gerente: Judith Baroni

Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)

Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente)

Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)

Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo

Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

MARKETING

Diretor: Carlos Herculano Ávila

Gerente de Produto: Mônica Panelli

Assistente: Tereza Itália Di Giorgio

PUBLICIDADE

Diretor: Meyer Alberto Cohen

Gerentes: Dario Castilho Azevedo, Moacyr Guimarães, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP)

Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros

Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Alberto Vieira Martins (coordenador)

Representantes: Adriana Sandoval, Ana Marta Manfio Gozzi, Arnaldo Dratwa, Eliane Pinto S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Marcos Perazza, Luiza Helena Pantalea, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)

Diretora de Marketing Publicitário: Maria Angela de Souza Infanti

Escritórios Regionais: Líliza Mazer (Gerente Nacional); Silvio Provazzi (Gerente Nordeste e Sudeste)

Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre), José Laranjeira (Salvador), Mauro Marchi (Blumenau), Plínio M. Rabello Júnior (Curitiba), Reginaldo G. Andrade (Fortaleza), Rogério Ponce de Leon (Brasília), Silvana Grisi (Campinas), Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte)

Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Paper Comunicações (AM); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

ASSINATURAS

Diretor de Operações: Nelson Romanini Filho

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Diretor Responsável: Juca Kfour

 **Grupo Abril**

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Plácido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa



PLACAR

OS COELHOS TRAPALHÕES

São Paulo, campeão da Libertadores e do mundo. Cruzeiro, bicampeão da Supercopa. Atlético, campeão da primeira Taça Conmebol. Não há dúvida: 1992 foi um ano de ótima colheita para o futebol brasileiro. Mas esses títulos não vieram de graça. Eles custaram organização fora do campo, determinação e técnica dentro das quatro linhas. É uma fórmula simples, já utilizada pelo Brasil em suas campanhas vitoriosas. O difícil é convencer nossos dirigentes de que não há mágica. Eles gostam de tirar coelhos trapalhões de suas cartolas. O caso do Campeonato Cearense é exemplar: o Fortaleza, campeão de fato, acabou entrando na Justiça comum para não deixar que seu título fosse de novo colocado em jogo. Tudo por causa de uma partida ainda do primeiro turno. Pela primeira vez na história de PLACAR, essa edição não traz o campeão cearense. É um dos tais coelhos trapalhões dos nossos cartolas.

Sérgio f. Martins

4

Mundial Interclubes

A vitória do São Paulo em Tóquio

8

Supercopa

O show do Cruzeiro na conquista do bi

11

Copa do Brasil

Internacional chega a seu primeiro título

14

Campeão Brasileiro

Flamengo de Júnior é pentacampeão

18

Libertadores

Rai, Palhinha & Cia. fazem a América

21

Taça Conmebol

Atlético ganha um caneco internacional

24

São Paulo

É tricolor de novo: bicampeão estadual

28

Rio de Janeiro

Vasco põe mais uma estrela de invicto

32

Minas Gerais

O Cruzeiro não perde de ninguém

34

Rio Grande do Sul

Colorado foi o rei dos pampas em 1992

36

Pernambuco

Sport mantém seu domínio: é bi!

44

Bahia

Vitória volta a ser o dono da festa

45

Pará

Paysandu não deixa dúvidas: é o melhor

46

Goiás

Goiatuba desbanca papões da capital

48

Santa Catarina

Brusque, uma zebra sem surpresas

50

Paraná

Interior mostra sua força com Londrina

52

Paraíba

Auto Esporte sofre para ser mais feliz

54

Espírito Santo

Desportiva acaba com alegria caipira

56

Mato Grosso do Sul

Nova Andradina estréia como grande

58

Mato Grosso

O Sorriso que dobrou um Estado

60

Distrito Federal

Deu Taguatinga pela segunda vez

62

Rio Grande do Norte

América repete a fórmula. E é bi

64

Alagoas

CRB: fim do jejum de quatro anos

66

Sergipe

Foi fácil no final para o Sergipe

68

Rondônia

Ji-Paraná: o bi em menos de dois anos

70

Piauí

Um feito inédito do 4 de Julho

72

Acre

Rio Branco: título com velhos heróis

74

Amazonas

Sul América tira Manaus da rotina

76

Maranhão

Sampaio Corrêa: o único tri no Brasil

78

O mundo

Campeões na Ásia, África e Europa

NÉLSON COELHO

UM PRAZER QUE NÃO TEM PREÇO

Bandeiras ao vento, desfile em carro aberto e o grito de "campeão" saindo forte, do fundo do peito. Poucas torcidas, como a do São Paulo, tiveram até hoje o raro privilégio de comemorar a conquista do mundo com este espetáculo. Mas a cena se repetiu também pelo país afora, em cada canto onde uma bola rola. Nesta edição, PLACAR junta-se à festa de todos os torcedores campeões de Norte a Sul em 1992

POSTERS GIGANTES
do São Paulo, Vasco, Cruzeiro e Inter
SUPERPOSTERS
do Atlético e Flamengo
POSTERS
de todos os campeões



SÃO PAULO

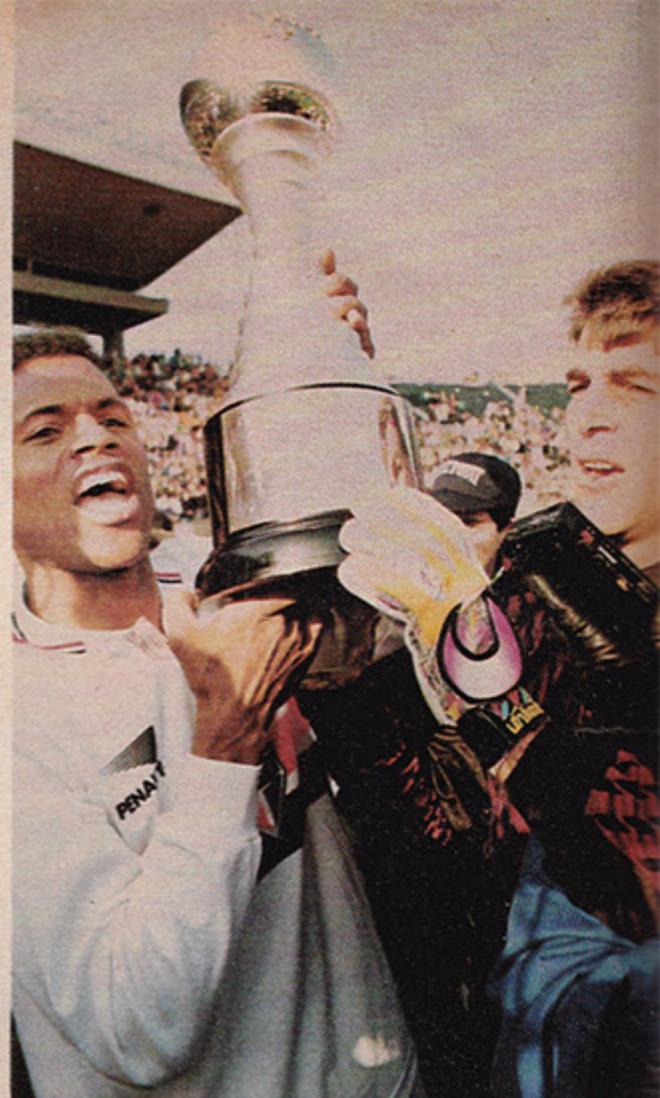
NO TOPO DO MUNDO

A vitória em Tóquio põe o tricolor no ponto mais alto do futebol mundial e consagra uma geração

O relógio do Estádio Nacional de Tóquio marcava 12h02 quando o Barcelona deu a saída para a decisão do título mundial interclubes contra o São Paulo. A torcida japonesa já havia deixado claro durante toda a manhã que torcia pelo time brasileiro. A caminho do Estádio Nacional de Tóquio, o ônibus são-paulino ia recebendo gritos de incentivo em cada esquina. "Kudassai,

kudassai (Boa sorte, boa sorte)", gritavam grupos de estudantes com seus sisudos uniformes azul-marinho e bandeiras tricolores nas mãos. Na chegada dos times ao estádio, enquanto o São Paulo era ovacionado com entusiasmo, o Barcelona só ganhou aplausos do comitê de recepção organizado pela Toyota.

Essa inequívoca escolha dos torcedores continuou ao longo de toda a parti-



Ronaldo e Zetti: novos donos da taça



Depois de receber a chave do carro por ter sido o melhor em campo, Rai dividiu a alegria e o prêmio com os companheiros



FOTOS RICARDO CORRÊA

Müller foi um terror pelo lado direito da defesa do Barcelona. Na foto acima, passa fácil pelo holandês Witschge

Apesar de toda sua experiência, Toninho Cerezo não resistiu à emoção. Quando o juiz apitou o final do jogo, vibrou e chorou como um garoto



da. Bastava o time espanhol pegar na bola para buzinas infernais soarem pelo estádio. Os brasileiros, ao contrário, eram aplaudidos. Mas foi o Barcelona quem marcou primeiro, com um belíssimo gol de Stoichkov, logo aos 12 minutos de jogo. Até esse momento, os dois times apenas se estudavam. Em desvantagem no marcador, os são-paulinos passaram a praticar um futebol mais agressivo. Dois minutos depois, Cafu disparava de fora da área, obrigando o goleiro Zubizarreta a espalmar para escanteio. Aos 17, Raí enfiou a bola entre as pernas de Bakero e cruzou forte e rasteiro para a área. Palhinha, livre na marca do pênalti, não conseguiu dominar e perdeu a chance. Zubizarreta continuou a trabalhar, como num chute traiçoeiro de Ronaldo Luís. Com muito esforço o goleiro espanhol botou a bola para escanteio.

O empate era uma questão de tempo e calma. Finalmente, aos 27, Müller escapou pela esquerda, deu um drible espetacular em Ferrer e cruzou à meia-altura. Raí, de barriga, completou para as redes. Explosão de alegria em Tóquio, explosão de alegria no Brasil. O Barcelona não alterou sua maneira de jogar. Tocava a bola diabolicamente, tentando atrair o São Paulo. O time brasileiro, porém, não caiu na armadilha. Plantado em seu campo, contragolpeava sempre com perigo, principalmente com Müller pela esquerda. Aos 34, o atacante entrou por trás da defesa espanhola e encobriu Zubizarreta, mas Ferrer salvou em cima da linha. A resposta do Barça veio aos 45. Beguiristain driblou Vítor, Adílson e Zetti e tocou para o gol aberto. O lateral Ronaldo Luís surgiu do nada e salvou também em cima da linha.

Era um jogo de gigantes. De dois times conscientes, técnicos, procurando pacientemente o momento certo de dar o bote e decidir o título. "A qualidade do



Com seu fôlego impressionante, Cafu esteve em todos os setores do campo, atacando e defendendo sempre com competência

São Paulo está em seu conjunto, mas há jogadores, como Raí, que podem decidir uma partida”, dizia o líbero Ronald Koeman ao desembarcar em Tóquio dias antes. Foi uma frase profética. Aos 34 do segundo tempo, cobrando com perfeição uma falta a dois metros da grande área, Raí colocava o São Paulo em vantagem. Não tinha mais jeito. Por tudo que havia feito até então em campo, o Barcelona não teria forças para reagir. Continuava a tocar bola de modo inócuo, enquanto o time brasileiro era sempre mais perigoso. Assim, aos 42, a torcida já fazia a festa nas arquibancadas, cantando o tradicional “tá chegando a hora”. E bastou o juiz argentino Juan Carlos Loustau apanhar a bola junto aos pés de Cafu, decretando o final da partida, para dezenas de torcedores e japoneses de rostos pintados de preto, vermelho e branco invadirem o gramado do Estádio Nacional. Pela primeira vez na história da Copa Toyota, o rígido esquema de segurança do campo ia para o espaço e os organizadores, atônitos, assistiam a um legiti-

mo carnaval à brasileira no gramado.

A festa continuou no vestiário, percorreu as ruas de Tóquio junto com o alegre ônibus do São Paulo e chegou à sua temperatura máxima na manhã da terça-feira, 15, quando os novos donos do mundo desembarcaram no Aeroporto Internacional de Cumbica, em São Paulo. A partir das 3 horas da manhã chegaram os primeiros torcedores da Fa-

lange Tricolor e, quando o avião aterrissou, às 7, o saguão de desembarque já estava superlotado por cerca de 5 mil são-paulinos. Bastou surgir a taça, nas mãos do conselheiro Constantino Curi, para a festa ganhar ares de alegre loucura. Já no ônibus, cercado pela torcida aos gritos de “É campeão”, os craques não resistiram e foram à janela. Primeiro Palhinha, acompanhando ainda mais alto o coro da galera. Aos poucos, todos os atletas fizeram o mesmo. Raí chegou a pegar uma bandeira imensa das mãos dos torcedores para promover sua festa particular. O elenco passou, então, a cantar o hino do clube entusiasticamente por onde passava. A euforia dos craques criou um carnaval até na Prefeitura, onde Raí recebeu a chave simbólica da cidade, e no Palácio dos Bandeirantes, onde o time foi homenageado pelo governador Luís Antônio Fleury Filho. Embriagados de emoção e repetindo entusiasticamente todos os gritos de guerra da torcida, os jogadores provocaram um comentário emocionado até do massagista Hélio Santos. “Em 16 anos de Morumbi jamais vi uma festa dessas.” Prova de que o São Paulo é um clube diferenciado. E o melhor time do planeta.



Telê e as taças: justiça ao melhor

PRESENTE EM CADA DECISÃO

Decisão é com ele. Os torcedores são-paulinos já se acostumaram a contar com os gols de Raí de Souza Vieira de Oliveira nos jogos que valem título. Se no Campeonato Brasileiro de 1991 não marcou nas finais, o meia foi o artilheiro do time, com sete gols. No Paulistão do mesmo ano, ele arrasou com o Corinthians na primeira partida da decisão, mandando a bola três vezes às redes do goleiro Ronaldo. Assim, ele tornou-se o principal goleador do Campeonato Paulista de 1991, com um total de 20 gols ao longo da campanha que deu o título ao tricolor. Na Libertadores da América deste ano, foi seu (de pênalti) o gol que levou a partida contra o Newell's Old Boys para a decisão por pênaltis, onde novamente deixou sua marca. E, em Tóquio, deu de novo Raí, com os dois gols da vitória. O primeiro, de barriga; o segundo, uma obra-prima de precisão na cobrança de falta. Artilheiro é assim. Uma semana antes já fizera três dos quatro gols com que o São Paulo goleou o Palmeiras por 4 x 2, no primeiro jogo decisivo do Campeonato Paulista de 1992, como fizera com o Corinthians em 1991. Com Raí em campo, os tricolores nunca tiveram dúvidas: o caminho da vitória sempre foi bem conhecido.



Um gigante durante os noventa minutos, quando lutou sem tréguas pela posse da bola e colocou todo o seu talento na armação das jogadas, Raí explodiu de vibração após marcar o segundo gol, que deu o título mundial ao São Paulo

O DIA DA GLÓRIA MAIOR

FINAL

13/dezembro/92

SÃO PAULO (BRA) 2 X BARCELONA (ESP) 1

Local: Estádio Nacional Olímpico (Tóquio); **Juiz:** Juan Carlos Loustau (Argentina); **Gols:** Stoichkov 12 e Raí 27 do 1.º; Raí 34 do 2.º; **Cartão amarelo:** Ronaldo, Toninho Cerezo, Beguiristain e Goicoechea

SÃO PAULO: Zetti, Vítor, Adilson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) e Raí; Cafu, Müller e Palhinha. **Técnico:** Telê Santana

BARCELONA: Zubizarreta, Köeman, Ferrer e Eusébio; Amor, Bakero (Goicoechea), Guardiola e Witschge; Michael Laudrup, Stoichkov e Beguiristain (Nadal). **Técnico:** Johan Cruyff



SÃO PAULO

A AMÉRICA AGORA É TRICOLOR

O time contagiou sua fleumática torcida com garra, força e técnica. E o São Paulo conquistou o continente



NELSON COELHO

Macedo foi o amuleto da decisão: um minuto após entrar em campo, sofreu o pênalti que garantiu a vitória contra o Newell's

A cada disputa de bola, lá estava o pé de um jogador tricolor, entrando duro como se a mais simples jogada fosse decidir o jogo, o troféu, a vida. Por se tratar do São Paulo, um time tradicionalmente frio e de pura técnica, este comportamento impressionava ainda mais. A vibração durou toda a campanha da Taça Libertadores da América e culminou com o título conquistado na vitória

por 3 x 2 nos pênaltis contra o Newell's Old Boys (1 x 0 no tempo normal). Com isso, contagiou toda a torcida, que esqueceu sua costumeira fleuma e fez, ali mesmo no gramado do Morumbi, a maior festa já vivida em São Paulo desde a quebra do jejum corintiano, em 1977.

Motivos para comemoração havia de sobra. Afinal, foram três meses de uma longa e desgastante campanha,

que contou com o mais detalhado trabalho já realizado por um clube brasileiro para a disputa da Taça Libertadores. Da aclimação à altitude da Bolívia, onde o São Paulo enfrentou San José e Bolívar na primeira fase da competição, até a espionagem dos adversários, feita pelo preparador de goleiros Valdir de Moraes, tudo foi previsto pela comissão técnica. Assim, nem a conhecida catimba



DANIEL AUGUSTO JUNIOR

Rai ergue a taça ao lado de Antônio Carlos (acima), mexendo com os corações dos são-paulinos, que carregaram o técnico Telê Santana como um herói (ao lado)



DANIEL AUGUSTO JUNIOR

dos adversários surtiu efeito. No Equador, onde o tricolor disputou a semifinal contra o Barcelona de Guayaquil, por exemplo, a delegação trocou o Hotel Ramada pelo Continental em todas as refeições. Tudo porque sabia que o rival costumava contaminar a comida dos adversários em competições internacionais.

"O time teve também mais vontade do que em outros campeonatos", reconhece o lateral Cafu, autor do último gol da decisão por pênaltis contra o Newell's Old Boys, que assegurou o título. Essa vontade ficou patente nas partidas contra o Nacional do Uruguai. Primeiro, em pleno Estádio Centenário, em Montevideu: 1 x 0, gol de Elivélton. Depois, 2 x 0 no Morumbi, despachando a equipe platina. "Até o Nacional, conhecido por sua raça, assustou-se com nossa gana", conta o capitão Rai.

Percebendo que o São Paulo não tinha apenas a técnica brasileira como arma, a equipe do Newell's Old Boys procurou de todas as formas diminuir seu ímpeto. À porta do Hotel Presidente, onde o tricolor ficou hospedado em Rosário, os torcedores argentinos tentaram despistar fazendo uma calorosa recepção, que contava até com uma faixa de confraternização com os dizeres: "*Bienvenido, Club de Fútbol São Paulo*". Dentro de campo, porém, o Newell's esqueceu a amizade e, apesar de contar com o auxílio do juiz chileno Hernán Silva, só venceu o primeiro jogo decisivo graças a um gol de pênalti inexistente, convertido por Berizzo. Ali mesmo, no entanto, tiveram mais uma prova de

SÃO PAULO

que o São Paulo não tinha a passividade mostrada anteriormente pelos clubes brasileiros. Aos brados, o técnico Telê Santana jurava vingança. "Em São Paulo vocês vão ver", dizia, revoltado, à saída do campo.

Foi o que aconteceu no Morumbi. A cada disputa mais ríspida, os tricolores mostravam uma determinação impressionante, devolvendo na mesma moeda a violência dos argentinos. O zagueiro Antônio Carlos, por exemplo, agrediu o atacante Lunari, depois de ser atormentado durante todo o jogo. E não mostrou arrependimento. "Dei porrada mesmo, pois sabia que o juiz não iria me expulsar nunca", dizia após a conquista. Mesmo assim, o gol que aliviou os são-paulinos e levou a decisão para os pênaltis só veio aos 22 do segundo tempo, um minuto após a entrada em campo do amuleto Macedo. Ele próprio sofreu a penalidade que, convertida por Raí, assegurou a vitória por 1 x 0.

Depois foi só fazer valer a mística de não ser derrotado na disputa por pênaltis — já havia conquistado assim os Brasileiros de 1977 e 1986 e o Paulistão de 1975 — para conquistar seu primeiro título fora do âmbito estadual dentro do Morumbi. Uma vitória que mudou a história do mais vencedor clube brasileiro nos últimos dez anos. E, agora, o São Paulo não se contenta apenas com conquistas domésticas. É, mais do que nunca, um time internacional.



Palhinha: sete gols que garantiram seu lugar entre as feras

NELSON COELHO

ROTA DA VITÓRIA

PRIMEIRA FASE

Criciúma 3 x São Paulo 0
San José (BOL) 0 x São Paulo 3
Bolívar (BOL) 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x San José (BOL) 1
São Paulo 2 x Bolívar (BOL) 0
São Paulo 4 x Criciúma (BRA) 0

OITAVAS-DE-FINAL

Nacional (URU) 0 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Nacional (URU) 0

QUARTAS-DE-FINAL

São Paulo 1 x Criciúma (BRA) 0
Criciúma (BRA) 1 x São Paulo 1

SEMIFINAIS

São Paulo 3 x Barcelona (EQU) 0
Barcelona (EQU) 2 x São Paulo 0

FINAIS

Newell's Old Boys (ARG) 1 x São Paulo 0
17/junho/92

SÃO PAULO 1 X NEWELL'S OLD BOYS (ARG) 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Torres Cadena (COL); Renda: Cr\$ 1 072 490 000; Público: 105 185; Gol: Raí (pênalti) 22 do 2º; Cartão amarelo: Antônio Carlos, Pintado, Elivélton, Gamboa e Zamora.

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adilson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller (Macedo) e Elivélton. Técnico: Telê Santana

NEWELL'S OLD BOYS: Scoponi, Saldaña, Gamboa, Pocchetino e Berizzo; Llop, Berti e Martino (Domizi); Zamora, Lunari e Mendoza. Técnico: Marcelo Bielsa

(Nos pênaltis, São Paulo 3 x Newell's Old Boys 2)

RESUMO DA CAMPANHA

14 J, 8 V, 3 E, 3 D, 20 GP, 9 GC

UM FIGURANTE PARA A HISTÓRIA

Quando começou a disputa da Taça Libertadores da América, em março, o atacante Palhinha era apenas um figurante no meio de um elenco recheado de cobras criadas. Bastaram as primeiras partidas, na Bolívia, contra San José e Bolívar, no entanto, para o técnico Telê Santana perceber a importância que o jogador teria na campanha. Em 14 jogos, o atacante assinalou sete gols, barrou o antigo titular Macedo da equipe e sagrou-se artilheiro da Taça Libertadores da América.

Se não bastasse, marcou em momentos importantes, como o do empate em 1 x 1 contra o Criciúma, pelas quartas-de-final, que levou a equipe à fase

seguinte. Ou o segundo da vitória por 3 x 0 contra o Barcelona de Guaiquil, que garantiu a passagem do time para a decisão da competição, contra o Newell's Old Boys.

Assim, honrou o apelido herdado do antigo craque cruzeirense Palhinha, também artilheiro da Taça Libertadores, em 1976, com treze gols. E, se não bastasse, em apenas seis meses de Morumbi (chegou em janeiro emprestado pelo América-MG), tornou-se, aos 25 anos, um dos maiores ídolos da torcida e colocou seu nome definitivamente na história são-paulina. Como um artilheiro de pura técnica e muito faro de gol.



SÃO PAULO

O ANO DA ETERNIDADE

Com um futebol bonito e eficiente, os são-paulinos ganham a terceira taça do ano e entram para a posteridade

Sentado à margem do campo, com o olhar fixo em direção a seus jogadores, o técnico Telê Santana era a exata imagem da felicidade. Um sorriso largo dominava seu rosto, habitualmente carancudo, e um brilho raro iluminava seus olhos. Dessa vez, Telê não estava encantado apenas pelo futebol-arte praticado pelo São Paulo desde a estréia no Paulistão, em julho, contra o Juventus. No gramado, minutos antes do término da decisão com o Palmeiras, o treinador via muito mais. Via uma equipe unida e determinada, que confirmava o bicampeonato paulista (o terceiro título da temporada, depois da Taça Libertadores e do Mundial) e eternizava cada um dos nomes tricolores na história do futebol brasileiro.

"Ele só nos agradecia, o tempo inteiro", dizia surpreso o lateral Ronaldo Luís, sobre o comportamento do técnico após os 2 x 1 contra o alviverde. Telê, como

toda a torcida tricolor, tinha motivos de sobra para isso. Afinal, os jogadores superaram uma incrível maratona de 24 horas de vôo entre Tóquio e São Paulo, enfrentando na chegada quatro horas de desfile sobre um carro de bombeiros pelas ruas paulistanas e, se não bastasse, uma semana de comemorações que atrapalharam os treinamentos. Quando entraram em campo para decidir o Paulistão, no entanto, os atletas disputavam cada lance como se estivessem atrás do primeiro título de suas vidas.

"Fizemos um pacto durante a viagem para não nos desmotivarmos", contava Raí. O acordo dos craques tricolores mereceu até um comentário do preparador físico Moraci Sant'Anna. "Isso prova que não temos um time de Rambos, mas de homens conscientes", afirmava. Mas quem acompanhou o trabalho durante a temporada teve nessa

FOTOS NELSON COELHO

Pintado e Ronaldo erguem a taça ao lado de Raí (à dir.), consagrados depois de garantirem a retaguarda na decisão contra o Palmeiras (abaixo)





atitude apenas mais uma prova de que o São Paulo é um time diferenciado. Razões para se pensar assim existiram também dentro de campo. No primeiro tempo da final contra o Palmeiras, cada uma das equipes atacou nove vezes e errou 29 passes. Tudo rigorosamente igual, não fosse uma bola roubada por Palhinha, aproveitando uma falha de Mazinho, e a genialidade de Müller, que tocou com precisão diabólica a bola no canto esquerdo do goleiro César. A diferença apareceu no marcador: São Paulo 1 x 0.

Pequenos mas decisivos detalhes desse tipo voltaram a se repetir no segundo

tempo, quando, por exemplo, Cuca chutou de dentro da pequena área e Ronaldo Luís salvou em cima da linha do gol, como já fizera na final do Mundial contra o Barcelona, oito dias antes. "Sempre que Zetti sai, vou para baixo dos três paus. Não é apenas sorte", garantia o herói tricolor. Só mesmo depois do apito final do juiz José Aparecido de Oliveira foi que a emoção tricolor, contida por uma semana em São Paulo, pôde explodir definitivamente. Nos vestiários, ninguém escapava à festa. A euforia aparecia na expressão inocente de Cafu, no sorriso radiante de Raí ou na alegria

infantil de Toninho Cerezo. Este, autor do segundo gol e um dos melhores da partida decisiva, era o mais feliz. Cantava o hino do São Paulo incessantemente, agradecia os companheiros por lhe tratarem de "Mestre" e fazia até uma declaração de amor à bola. "Ela é minha companheira. Quando não consigo alcançá-la, ela me procura", assegurava.

Foi ali mesmo que veio a explicação dos títulos seguidos do São Paulo. "É só olhar a festa e perceber como é o ambiente", diagnosticava o polivalente Cafu. "Nós amamos isto aqui", completava Pintado, apontando para o escudo tricolor

SÃO PAULO

estampado em sua camisa. "Quero trabalhar no São Paulo até o fim", garantia. Esse amor levou o volante a calar até os críticos mais ferozes. Durante a campanha, desarmou como poucos, ganhou a posição de Dinho no primeiro turno e, na reta final, fez até lançamentos. Em um deles, deixou Raí na cara do goleiro César no primeiro tempo da final contra o Palmeiras.

Foi Pintado também quem comandou a defesa, ao lado de Ronaldo, e a tornou a segunda menos vazada do campeonato, com 29 gols e média de 0,85 (a Portuguesa tomou um gol a menos, mas sua média foi de 0,87). Aliás, o tricolor foi superior em tudo. Teve o ataque mais positivo, com 63 gols, aplicou a maior goleada (6 x 0 no Noroeste) e praticou o futebol mais prático e objetivo. Cada nova vitória deixava mais e mais claro que o São Paulo faria o Campeonato Paulista de 1992 ser eternamente lembrado pelos amantes do bom futebol como o título conquistado por um time histórico.

Era isso também o que percebia Telê Santana quando, pouco antes do apito final de José Aparecido de Oliveira, levantou-se e caminhou sem tirar os olhos do espetáculo que seus jogadores promoviam: "Jogamos futebol como deve ser jogado. E mostramos como vencer um campeonato". Assim, provou ser o mais vitorioso técnico do Brasil (é o único na história a conquistar os títulos paulista, carioca, mineiro, gaúcho, brasileiro, sul-americano e mundial). E mais uma vez não deixou dúvidas: o São Paulo hoje está muito à frente dos adversários.

SÍLVIO PORTO



Zetti espalma a cabeçada de Evair na final: o tricolor tomou menos de um gol por jogo

A CAMPANHA

CINCO MESES DE PURA FESTA

1º TURNO

Juventus 1 x São Paulo 1
 São Paulo 3 x Ituano 3
 Noroeste 0 x São Paulo 1
 Botafogo 1 x São Paulo 1
 São Paulo 1 x Bragantino 1
 Internacional 0 x São Paulo 1
 São Paulo 1 x Palmeiras 0
 Guarani 0 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x Portuguesa 1
 Santos 3 x São Paulo 2
 São Paulo 5 x Santo André 2
 São Paulo 1 x São Carlos 0
 Corinthians 0 x São Paulo 1

2º TURNO

São Paulo 0 x Santos 0
 São Paulo 1 x Botafogo 0
 Santo André 1 x São Paulo 1
 São Paulo 3 x Internacional 0
 São Paulo 3 x Corinthians 0
 São Carlos 0 x São Paulo 2
 Portuguesa 2 x São Paulo 2
 São Paulo 6 x Noroeste 0

Bragantino 1 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x Juventus 0
 São Paulo 2 x Guarani 1
 Ituano 2 x São Paulo 1
 Palmeiras 3 x São Paulo 0
FASE SEMIFINAL
JOGOS DE IDA
 Portuguesa 0 x São Paulo 2

20/dezembro/92

SÃO PAULO 2 X PALMEIRAS 1

Local: Morumbi (São Paulo); **Juíz:** José Aparecido de Oliveira;
Renda: Cr\$ 5 218 880 000; **Público:** 110 887; **Gols:** Müller 24 do 1º;
 Toninho Cerezo 14 e Zinho 45 do 2º; **Cartão amarelo:** Toninho, Cuca,
 Jean Carlo, Evair, Müller e Dida
SÃO PAULO: Zetti, Vítor (Válber), Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís;
 Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Palhinha e Müller.
Técnico: Telê Santana
PALMEIRAS: César, Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César
 Sampaio, Daniel (Maurílio), Cuca (Carlinhos) e Jean Carlo; Evair e
 Zinho. **Técnico:** Otacílio Gonçalves
RESUMO DA CAMPANHA
 34 J, 21 V, 9 E, 4 D, 63 GP, 29 GC

Santos 0 x São Paulo 3
 São Paulo 4 x Ponte Preta 2
JOGOS DE VOLTA
 São Paulo 2 x Santos 1
 Ponte Preta 0 x São Paulo 0
FINAIS
 Palmeiras 2 x São Paulo 4



RICARDO CORRÊA

Raí vence César Sampaio e, com três gols sobre o Verdão, consagra-se como artilheiro tricolor, reafirmando sua vocação para decidir

O ARTILHEIRO

O PRIMEIRO ENTRE OS GÊNIOS DO MORUMBI

O meia Raí não foi apenas o condutor do tricolor na campanha do bicampeonato. Com os quinze gols marcados durante o Paulistão, o craque consagrou-se definitivamente como o grande artilheiro da equipe. A história vinha se repetindo desde o Brasileiro de 1991, quando marcou sete vezes e foi o goleador do São Paulo no certame. No Paulistão do mesmo ano, seus vinte gols o tornaram o goleador do campeonato.

Em 1992, porém, Raí exagerou e, em apenas três partidas, aniquilou seus adversários. Contra Ponte Pre-

ta e Palmeiras fez três gols, e na goleada por 6 x 0 contra o Noroeste fez o goleiro buscar a bola nas redes incontáveis cinco vezes. Numa delas, assinou uma obra-prima. Viu o goleiro Sílvio Roberto adiantado e, quase do meio-campo, tocou por cobertura, fazendo um dos mais belos gols do campeonato. Além disso, Raí reafirmou sua vocação para decidir, aniquilando o Palmeiras no primeiro jogo das finais, como fizera com o Corinthians, em 1991, e com o Barcelona, no Mundial Interclubes.

Só faltou ser o goleador de todo o Paulistão, glória que ficou com Válber, do Mogi-Mirim, com dezessete gols. A torcida não se importou e passou o ano inteiro cantando em coro: "Raí, Raí, o Terror do Morumbi", ao qual o craque respondia com um futebol empolgante. Ao final do jogo com o Palmeiras, o coro mudou: "Fica, Raí", pedia o estádio emocionadamente, esperando que seu ídolo o atendesse e continuasse mais uma temporada no Brasil. Defendendo o São Paulo, é claro.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ